

Contribuições da Lingüística para o Ensino de Língua Portuguesa

Anilce Maria Simões

(UFMG)

Estou feliz por estar aqui, participando deste encontro, junto com colegas de profissão, pessoas que, como eu, têm a **LÍNGUA** como objeto de trabalho. Penso que somos privilegiados, justamente por lidar com esse objeto tão fascinante. Quando tenho de explicar para qualquer pessoa o que é que faço, sempre volto a me maravilhar com a idéia de que realmente sem a língua o homem não seria o que é, seria bem mais complicado coexistir. E nós, em nossa profissão, lidamos justamente com esse algo que caracteriza o homem como homem, que nos faz especiais. Entendo que, como seres dotados de inteligência, acharíamos um outro jeito de nos comunicar, caso a língua não –existisse, mas certamente encontraríamos mais dificuldades em levar a efeito qualquer tarefa. Afinal, usamos a língua em todos os momentos de nossa vida, estamos sempre precisando dela, seja para informar, seja para pedir, seja para convencer, seja para explicar, seja para desabafar... Na verdade, penso que somos a língua que falamos. Imaginem, então, a nossa responsabilidade, como professores de Português. Somos quem tem a obrigação mais direta de melhorar a capacidade dos alunos de usar a sua língua com o máximo de eficiência, para que possam viver melhor, para que possam comunicar-se bem, para que possam progredir, para que possam existir num mundo como o nosso, tão cheio de exigências. Podemos começar, aqui, então, a tecer algumas considerações sobre as contribuições da Lingüística ao ensino do Português.

Em primeiro lugar, devo mencionar o fato de que, como ciência da linguagem, a Lingüística veio trazer uma compreensão maior desse fenômeno. Então, de uma maneira geral, assim superficialmente, posso dizer que hoje, em oposição a antes da constituição da Lingüística como ciência, temos mais conhecimentos a respeito de

línguas humanas, de sua organização e funcionamento, das semelhanças e diferenças entre elas, das relações entre, por exemplo, cérebro e língua, estrutura social e língua, processos cognitivos e língua. E nesse caso, uma vez que sabemos mais sobre o nosso objeto de trabalho, então, a tarefa de ensinar Português – ou qualquer língua – pode ficar mais simples.

Vamos imaginar, por exemplo, a criança/falante. Desde que nasce está em contato com a língua. E pais e irmãos e avós e tios e primos e vizinhos iniciam o menino nos mistérios da fala. E ele ouve sons e vê rostos, expressões fisionômicas e escuta cadências e começa a fazer sentido naquilo que ouve a sua volta. E é chamado a usar esses sons para dizer ‘coisas’, percebe também que precisa desses sons para entender o mundo e para se fazer entender. O ensino da língua começa aí, não é mesmo? A Lingüística já tem muito a contribuir, desde esses primeiros ‘professores’ e ‘alunos’. Com o desenvolvimento da **Psicolingüística**, sabemos mais a respeito do fenômeno da aquisição da linguagem, entendemos melhor o que se passa com a criança enquanto está aprendendo a falar. E conhecendo como é que a criança aprende a falar, a entender e contar histórias, a perguntar o que não sabe, a pedir o que quer, por exemplo, então estaremos mais aptos a começar o nosso trabalho enquanto professores ‘formais’ de Português. Aos sete anos, aproximadamente, a criança está madura lingüisticamente, está realmente ‘pronta’ para a leitura e a escrita. Quando começa o processo ‘formal’ de alfabetização, ela já sabe muita coisa, já tem conhecimento de regras de sua língua, já é falante eficiente para as suas necessidades. (O professor não pode ignorar a realidade lingüística do aluno, uma vez que é com base nela que irá construir o seu trabalho.) Na área da alfabetização, estamos hoje mais sábios do que há algum tempo atrás. Para as nossas crianças em fase de alfabetização, ficou menos doloroso e muito mais interessante aprender a ler e escrever. A Lingüística veio mostrar algumas novidades aí. Por exemplo: agora interpretamos os chamados ‘erros’ que os meninos cometem nessa fase não mais como defeitos ou dificuldades cognitivas, mas como

sinalizações das etapas de construção de um saber, como passos num processo, o que certamente veio facilitar o trabalho do professor de língua materna dos primeiros anos do 1º Grau. O conhecimento da Fonética e da Fonologia, indispensável para o alfabetizador, ajuda a tarefa de compreensão da criança e da etapa em que ela se encontra no processo de aprendizagem da leitura/escrita, do tipo de ‘erro’ que está cometendo. Além de levar-nos a entender melhor as relações som/letra em nossa ortografia, a Fonética e a Fonologia também nos tornam mais atentos à fala dos alunos, dando-nos condições de perceber mais claramente as hipóteses que as crianças estão elaborando ao longo do caminho da alfabetização, no seu processo de aquisição da língua escrita. O professor poderá, então, preparar exercícios mais interessantes e adequados, em substituição a outros que não fazem sentido, como o ditado, por exemplo. Imagino que todos aqui já passaram pela experiência do ditado. Não sei se lembram da frustração e do sofrimento que costumam acompanhar a criança na execução da tarefa, que, além de tudo, é maçante, desinteressante. Para que serve o ditado? Apenas para assustar as crianças, para levá-las a baixa de auto-estima – ‘não dou conta’, ‘não sei’, ‘é difícil’. Certamente, o ditado, como se fazia antigamente, não ajudava ninguém a aprender a escrever... Precisamos nos lembrar de que a atividade de escrita, como a de fala, tem de fazer sentido, tem de ter objetivo, senão não serve para a comunicação. Quando falamos ou escrevemos é porque temos algo a dizer para alguém.

Ainda sobre a Psicolinguística, podemos falar de suas contribuições no que se refere à compreensão do processo da leitura, por exemplo. Como é que se dá a leitura? Que processos cognitivos estão em jogo nessa atividade? O que significa realmente entender um texto? Como é que se dá a passagem da simples decodificação dos sinais gráficos para a construção de sentido? Qual é o papel da memória na tarefa? E o conhecimento de mundo, como é que interfere na compreensão de um texto? Será que existe relação entre estrutura linguística e processamento do texto? Vejam que a elucidação dessas questões certamente vai facilitar o trabalho do professor de língua materna,

preocupado exatamente em desenvolver a habilidade de leitura, e escrita em seus alunos. E vocês sabem que há pesquisas sobre o assunto. Temos aqui mesmo na FALE, professores e estudantes preocupados com esses problemas.

Podemos nos deter, também, na apresentação do trabalho da Lingüística com a língua propriamente dita. Isto é, vamos ver como é que estamos conhecendo muito melhor a língua que falamos, a partir dos avanços da ciência lingüística. E, lembrem-se, ainda estamos engatinhando, em termos de conhecimentos... Na verdade, podemos dizer que não sabemos quase nada...

Estamos naquela fase de construção de teorias para descobrir mais sobre o nosso objeto de estudo. Mas o mais importante: agora observamos a língua de uma maneira diferente de como fazíamos há algum tempo atrás.

E aí se coloca, a meu ver, a maior contribuição da Lingüística ao ensino da língua materna e é este o ponto que quero focalizar agora, realçando a sua importância. **Quero me referir, com muita ênfase, ao fato de que a Lingüística trouxe com ela a mudança de mentalidade, a mudança de atitude do professor diante de seu objeto de trabalho.** Volto a dizer: com o desenvolvimento da ciência lingüística, passamos a enxergar a língua de uma outra maneira e isso só poderá refletir-se no ensino. Sabemos agora, por exemplo, que não há língua melhor que outra, temos consciência de que a modalidade de língua que o aluno traz para a escola é adequada também, tem uma estrutura, tem regras, serve a seus propósitos... A atitude mais repressora dos professores de Português de algum tempo atrás hoje já não faz sentido. O respeito pelo aluno e pela sua cultura, incluindo-se aí, evidentemente, a sua língua, passou a ser parte integrante do trabalho do professor de Português. Considerar o conhecimento da Gramática Normativa – como o objetivo final do ensino da língua já é uma atitude ultrapassada. Entendemos agora que ‘saber’ o Português não significa saber ‘de cor’, dominar as regras gramaticais do dialeto padrão, culto, considerado o único certo. Precisamos, sim, saber usá-

las de forma adequada, em situações específicas. A Lingüística veio mostrar que a língua pode ser analisada objetivamente, sem que se devam impor normas de um falar considerado correto, oposto a outros, vistos como incorretos. Qualquer modalidade de língua é passível de estudos, merece atenção por parte de professores e pesquisadores. A idéia é a de que passamos a nos tornar mais observadores em relação à língua que usamos e vemos usada à nossa volta. Professores de Português, somos todos lingüistas, estamos tentando descobrir os processos lingüísticos sendo utilizados pelos alunos, de modo a entender melhor o que se passa com a língua, esse organismo vivo, pulsante, que muda constantemente, adapta-se de forma admirável às exigências e necessidades de seus usuários e da época em que se vive. A **Sociolingüística**, mais especificamente, veio nos mostrar, então, que não há uma língua mais perfeita, a língua das pessoas cultas, essa língua que na verdade não é uma, mas, ao contrário, varia, dependendo da situação em que é utilizada, do interlocutor, do objetivo do falante, dependendo de ser oral ou escrita, entre outros fatores. Então começamos mostrando aos nossos alunos que mudamos a língua que falamos a todo momento, para atender exatamente a essas normas e regras do convívio social. E o fazemos automaticamente. Nesse caso, nosso objetivo será conseguir de nossos alunos a mesma atitude: vamos fazê-los enxergar as diferenças entre a modalidade de língua que conhecem e dominam, que é múltipla também, e aquela modalidade que se emprega na escola, aquela que é utilizada pelos donos do poder, numa sociedade como a nossa, dividida em classes, em que há opressores e oprimidos. Vamos instrumentalizá-los para que reconheçam esse outro sistema lingüística em suas variações e para que se tornem razoavelmente competentes nele, para poderem participar como iguais na construção de uma sociedade mais justa, em que se dê uma distribuição mais equilibrada de bens, materiais ou não. Mas já não vamos fazê-los sentirem-se inferiores, incapazes, apenas porque, quando chegam à escola, ainda não conhecem e empregam essa língua do poder. E então nos perguntamos o que fazer, no dia-a-dia da sala de aula, para chegar ao resultado pretendido? Como podemos contribuir para

melhorar o desempenho lingüístico dos alunos, de modo a torná-los eficientes usuários de sua língua, tendo acesso a outras culturas, sabendo locomover-se em outros meios sociais, tendo mobilidade social?

Interessantemente, aí se coloca também uma outra contribuição da Lingüística, que considero fundamental ao ensino do Português: a idéia de que o ensino deve centralizar-se no texto, tanto na sua leitura, quanto na sua produção. Entendemos hoje, de forma muito clara, que a capacidade de leitura e de produção de textos é a chave para o desenvolvimento de qualquer indivíduo. Através da leitura tornamo-nos conscientes do que se passa a nossa volta de uma maneira mais adulta e madura, vemo-nos capazes de raciocinar, de tomar posições, de discutir pontos de vista, adquirimos conhecimentos, viajamos, temos acesso a culturas diferentes, a épocas distantes, etc. O mesmo se dá com a habilidade de produção de textos: temos necessidade da escrita constantemente, a cada dia de nossas vidas. Numa sociedade letrada qualquer, saber ler e saber escrever com competência são habilidades essenciais, dão ao indivíduo vantagens que não teria de outra forma. E então, para nós, que convivemos com a tarefa de despertar nos alunos o gosto pelo conhecimento, através da leitura e da escrita, fica cada vez mais patente a necessidade de tornar o ensino da Língua Portuguesa interessante, dinâmico, pleno de sentido. O aluno precisa estar ciente de que a habilidade de leitura e escrita é fundamental em qualquer profissão, precisa conscientizar-se de que o domínio dos recursos expressivos de sua língua é indispensável para que se tome sujeito, dono do saber, capaz de tomar decisões. Assim, já há algum tempo, o ensino da língua materna está tomando novos rumos, mais adequados, indo de encontro às reais necessidades dos alunos. Professores de Português, estamos nos preparando para a tarefa de ajudá-los a se tomarem leitores eficientes e bons produtores de texto.

E como chegar a isso? A resposta mais direta é: trabalhando-se textos com os estudantes... E veja-se que esse trabalho deve começar desde a época da alfabetização. Só se pode dizer que uma criança é

alfabetizada a partir do momento em que lê e produz textos, construindo sentido naquilo que lê e escreve. Conhecer as regras de ortografia e saber usar palavras dentro da convenção de escrita que temos são habilidades que também devem ser desenvolvidas, mas não podem constituir o objetivo final da alfabetização. Quando a criança é levada a descobrir, ela mesma, as regras de ortografia, por exemplo, o conhecimento dinâmico que é construído será realmente apreendido... O trabalho com o texto deve ser tal que leve a criança a ter prazer na atividade de leitura, a ver sentido na tarefa de escrever. Se nos primeiros anos escolares criamos o hábito de leitura e de escrita em nossos meninos, então, certamente, terão mais facilidades em toda a sua vida futura, escolar ou não, estarão mais aptos a participar da sociedade, como cidadãos, conscientes, pessoas dinâmicas, produtivas.

E para o trabalho com o texto, hoje temos muito mais conhecimentos do que há algum tempo atrás. Há pesquisas sendo desenvolvidas, em *Linguística Textual*, hoje comprovando cientificamente aquilo que antes conhecíamos por intuição. Aqui na FALE temos pessoas interessadas no assunto, que estão desenvolvendo um belo trabalho na área. Assim, está ficando mais fácil para o professor de Português da atualidade saber como realizar o seu trabalho em sala de aula. Não é uma tarefa simples, dar aulas de Português em 1º e 2º Graus... Temos de lutar contra uma série de preconceitos, diariamente temos de enfrentar uma rotina massacrante de trabalho, temos inseguranças, sabemos muito pouco, mudar é muito difícil... Mas precisamos acreditar que podemos fazer diferença. Afinal, temos em nossas mãos a possibilidade de desenvolver as cabeças pensantes deste país, lidamos com as crianças e os jovens, aqueles que constituirão o futuro, aqueles que definirão os rumos que a nação vai tomar. Vocês ouviram uma mesa redonda sobre o tema “Por que ensinar Gramática?”. O professor Perini lembrou um objetivo muito importante desse ensino: a formação da mente científica, analítica, curiosa. E todos nós sabemos como a existência de cientistas, de pesquisadores é essencial para o desenvolvimento de um país.

Nesta semana de estudos que termina hoje, vocês escutaram especialistas em língua e ensino, ouviram falar dos avanços de suas áreas de trabalho, tomaram conhecimento de novidades com relação ao que se pode fazer para melhorar sua tarefa como educadores que lidam especificamente com a língua. E mais: tiveram confirmadas as suspeitas de que ainda há muito por fazer na verdade, nosso trabalho, enquanto professores/pesquisadores, não termina nunca. E eu gostaria de finalizar este encontro colocando para vocês exatamente o que considero fundamental para que possamos cumprir nosso objetivo maior, o de ajudar a formar um **cidadão**: vamos respeitar nosso aluno, vamos considerá-lo capaz, vamos ajudá-lo a desenvolver-se, vamos juntos construir um mundo melhor. Vamos aceitar a nossa parcela de responsabilidade pelo sucesso ou fracasso de nossos alunos. Temos que nos lembrar: somos partícipes na construção da sociedade, todos temos um papel a cumprir. E vamos cumpri-lo. Cada um fazendo o melhor que pode, dando o máximo de si. Com vontade e amor.

Um parêntese: de vez em quando, estudantes de segundo grau, às vésperas de prestarem vestibular, me perguntam sobre como estudar para as provas, reclamando, inclusive, que os pontos obtidos em Português costumam ser os mais baixos de todos. E eu respondo dizendo que, realmente, em minha opinião, as provas de Português são as mais difíceis do vestibular. Afinal, o aluno se vê diante de um texto desconhecido, que deve ler e ‘decifrar’, de que necessita fazer uma leitura em profundidade, entendendo não apenas o que está sendo dito, mas também o que está nas entrelinhas, construindo um sentido a partir dele, dialogando com ele, para conseguir responder às questões propostas. Na prova da segunda etapa, além dessa habilidade, precisa também evidenciar que é capaz de construir textos de maneira adequada, pequenos textos coerentes, coesos, claros, em que está presente uma argumentação que faça sentido, em que fique demonstrada a sua habilidade de entender o que foi proposto e de elaborar, então, uma resposta adequada para a questão.